

Filosofia Nova

SILVA, Agostinho da. Filosofia Nova.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 16 Fev. 1947.

O primeiro grande trabalho filosófico realizado pelos gregos foi o de demonstrar que é impossível uma explicação materialista do universo; apesar do gênio de todos os pensadores que hoje se englobam sob a designação de pré-socráticos, não se pôde evitar a crise sofista do século V; uma concepção materialista pura, perfeitamente lógica, e os gregos eram demasiado inteligentes para a não saberem construir, suprime todos os motivos de ação; e foi talvez a falência na ação, com todas as desordens conseqüentes no campo da moral e da política, que, apesar das aparências, levou Sócrates e os seus discípulos a reagir contra o espírito geral da filosofia anterior; de resto, mesmo no plano puramente filosófico, bastariam as aporias de Zenão para que se tivesse de enveredar pelo caminho da explicação idealista. No entanto, os filósofos pré-socráticos conseguiram dar direito de cidade, estabelecendo-a com firmeza, a uma atividade não pragmática, pelo menos nos pontos de partida; por outro lado, puseram claramente que nenhuma concepção filosófica se pode aceitar se não é bastante ampla para compreender todo o fenômeno, bastante exata para que não haja a mínima incoerência lógica, bastante simples para que apareça como a expressão de uma realidade irreduzível.

Toda a tarefa de Sócrates, de Platão, de Aristóteles mesmo, consistiu em refazer o trabalho filosófico anterior, mas no campo do espírito; a divindade misteriosa de Sócrates, o Supremo Bem de Platão, o Deus motor e imóvel de Aristóteles são, no plano da idéia, o que eram a água de Tales ou o fogo de Heráclito; apesar de todas as falhas, que vêm, porventura, menos do próprio pensamento dos autores do que da perda de certos textos e da incompreensão ou fantasia ou concepções próprias dos comentadores, o edifício da filosofia grega a que poderíamos chamar clássica ficou solidamente assente na idéia de que a inteligência humana é centelha da inteligência divina; o universo é inteligível e está dentro de nós a chave do perfeito entendimento; não é impossível que cheguemos, pela razão, à ciência sem obscuridade, tal como Deus a teria, e, pela ciência à virtude, e, pela virtude à paz interior, ao eudemonismo que foi sempre, sob as aparências otimistas da sua cultura, a principal preocupação

dos gregos. Pelos meados do século IV, assegurara-se a vitória da inteligência: pareciam abertos todos os caminhos do futuro, afastados para sempre todos os terrores do espírito e da carne, as opressões teocráticas, a ciência destinada a puras técnicas das civilizações do Próximo Oriente.

Mas, embora poesia e misticismo nunca tivessem estado ausentes de Sócrates, de Platão e de Aristóteles, sobretudo dos dois primeiros, e a inteligência de que falavam não fosse apenas uma máquina de raciocinar, mas uma perpétua criação, embora também se pudessem tirar das suas metafísicas todas as regras de moral prática, todas as fórmulas de relação de homem a homem, é certo que o lado intelectual se acentuara com toda a preferência. Ora pareceu, a partir da época de Alexandre, que faltava, nas grandes construções anteriores, a fé que ampara nas crises do indivíduo e da história, o amor que impede o tornar-se cada um torre orgulhosamente solitária de inteligência e de saber, a simplicidade que permitiria, mesmo aos mais rudes, uma norma de vida. Estoicismo e epicurismo foram, de certo modo, uma tentativa de inclusão, mas nem a razão construtiva nem a simpatia humana foram bastante poderosas para atingir o seu objetivo.

Plotino chegou mais longe e com ele os neoplatônicos: mas, todo o ceticismo à sua volta, toda a estéril discussão das escolas em que só o nome era grande, indicavam que a revolução tinha de ser mais profunda, e tão profunda que pareceria se porem de parte o gosto e a necessidade de compreender, porque tudo pudesse surgir como um ímpeto de amor. É um tempo de crise, de incerteza, de desvario, de escritos efêmeros, de visões fragmentárias, e só aparece terra firme quando os padres da Igreja, passado já o período em que o cristianismo fora puro amor, começam elaborando uma teologia; uma divindade que até aí somente se sentira precisa agora de ser demonstrada; é a busca ansiosa das provas da existência de Deus, das possibilidades de harmonizar a ciência e a fé; todas as batalhas de ortodoxos e de hereges, em concílios, em sermões, em tratados, ou em intrigas de palácio ou em lutas campais, nada mais são do que o esforço doloroso de um acerto que se considerava essencial: não podia ser abandonado o que o espírito humano ganhara com os gregos; Deus não é só amor mas também inteligência.

Toda a alta Idade Média é, por aí, um dos momentos mais dramáticos da história humana; por fim venceu-se, embora a vitória, alcançada talvez num prazo mais curto do que seria necessário, tivesse sacrificado Platão a Aristóteles e feito secar muitas das sementes de vida nova que o cristianismo tinha trazido consigo; mas não importa: com a *Suma*, Deus é demonstrável; só em palavras é agora a filosofia uma simples ancila da teologia: na realidade,

vão estreitamente ligadas. A muralha de defesa era perfeita: juntavam-se para proteger os homens as Catedrais de que fora a primeira um outeiro dos arredores de Jerusalém e as Universidades, que tinham como origem remota um jardim dos subúrbios de Atenas.

Se, porém, havia a razão e a fé que se abrigam no íntimo do homem, faltava o mundo que o circunda; e o mundo chegou com os descobrimentos portugueses e espanhóis, um mundo como nunca o tinham sonhado os filósofos antigos e os teólogos medievais: eram só fatos o que traziam os navegadores, e os fatos abriam brechas irreparáveis no edifício escolástico. É a segunda grande crise do pensamento ocidental: novamente aparecem os céticos e os investigadores de minúcias e os que simplesmente descrevem, ou então os místicos em que a religiosidade é apenas uma forma de fugirem aos problemas que a vida levanta à sua volta: os medievalistas defendem as suas posições com o ardor com que se tinham batido outrora os pagãos do tempo de Celso; mas estes lutavam pela sobrevivência da razão, ao passo que os escolásticos batalham pela sobrevivência da fé; a razão não está em perigo sério: um pouco mais tarde fará bom pacto com a realidade por intermédio de Bacon e Descartes e assegurará inteiramente a sua posição com Leibniz e Kant: para a fé abre-se uma época de apagamento; apenas na Espanha a mística floresce, ausente, porém, da razão e do mundo físico, divorciada da crítica. Só um peninsular também, mas educado em pleno centro de reflexão intelectual, pôde unir todos os elementos que pareciam discordes por sua própria natureza: a filosofia de Spinoza vai para além do seu tempo e mesmo para nós, Spinoza é ainda um filósofo do futuro; para todos os outros, a tarefa foi plenamente a da época: organizaram a ciência e, pela ciência, organizaram a sociedade, como na Idade Média a tinham organizado pela fé religiosa.

Simplemente, assim como o misticismo que irrompe nos últimos tempos do mundo antigo tem as suas raízes na Grécia clássica, assim como o interesse pelo mundo natural principia antes de ter largado para o mar o primeiro barco português, também a Europa dos séculos XVII e XVIII tem em si os germes do que depois se afirmará como força de combate: as concepções religiosas, qualquer que seja a sua confissão, recusam-se a morrer e afirmam a existência de um mundo mais vasto que o da ciência experimental; a arte reclama, por exemplo com Brueghel, com Bosch, e até Rembrandt, domínios que a razão parece repelir; e, com maior ímpeto de batalha, as modificações económicas trazidas pelos descobrimentos lançam ao assalto do poder uma nova classe e abalam toda a estrutura do absolutismo real; vai principiar uma revolução que ainda não terminou e que irá muito mais longe do que geralmente se supõe.

É a terceira época de crise e é a nossa: a primeira marcou para os filósofos a obrigação de pensarem a fé; a segunda a de pensarem a ciência; a terceira vai obrigá-los, segundo parece, a um esforço mais vasto. Os trabalhos filosóficos que hoje se publicam revelam quase todos o medo que toma os pensadores de encararem de frente o que há a fazer: foge-se então, ou para questões sem importância, ou para sistemas que são cômodos porque permitem fingir que se pensa; uns são existencialistas, outros inclinam-se à fenomenologia; há os empiristas e há os lógicos; há os neo-escolásticos e há os que se entusiasmam pelo princípio de incerteza, introduzindo por aí na ciência um misticismo de, pelo menos, terceira ordem; há os espiritualistas, que aboliram para a grande massa o direito de comer, e os materialistas, que aboliram para todos o direito de pensar. Tribos inteiras, que se digladiam com furor, ou se prostram cétricas, ou se refugiam numa fé que não têm.

E, no entanto, o espírito humano tem de vencer, como venceu com Santo Agostinho e S. Tomás, como venceu com o *Novum Organum* ou o *Discurso do Método*; tem de incluir, numa síntese mais vasta que todas as sínteses tentadas até hoje, a inteligência que venceu todas as provas, desde que a experimentou o velho Tales, mas uma inteligência imaginativa, criadora, bem longe da caricatura de Taine: o mundo religioso, que foi o de S. Francisco, o de S. João da Cruz, o de George Fox, o de Wesley, mas despido inteiramente de todo o limite confessional; o mundo de instintos ou de tendências fundamentais que a psicologia moderna trouxe a lume; o amor do corpo, como nem mesmo os gregos o tiveram, um amor tão grande que finalmente se respeite o corpo e se chegue à pureza dos santos sem as suas mutilações; uma ciência renovada por um conceito mais amplo de causalidade; uma sociedade economicamente livre, e livre também para as aventuras do espírito; uma arte a que estejam abertas todas as portas, e tão intimamente ligada à vida que só haja para o artista uma regra, a de ser um homem pleno; finalmente, uma metafísica que, sendo nos processos uma ciência, seja no espírito uma teologia, e, pelo que respeita às relações humanas, uma forma de vida.

Creio, por mim, que o fará; mas que o vai fazer na própria vida: não teremos desta vez páginas de livros, mas tipos humanos: o que vai dar uma oportunidade única a povos para os quais foi a vida sempre o mais importante: China, Índia, Península [ibérica], América do Sul.